

Portugal Romano: cinquenta anos

DOI: https://doi.org/10.14195/2182-844X_11_0

Em 2023 cumpriram-se 50 anos desde a primeira edição da obra Portugal Romano, da autoria de Jorge de Alarcão.

A obra, profundamente reflexiva, apresenta uma imagem do pedaço mais ocidental do Império Romano, durante o período que medeia entre a conquista do território e o ocaso da influência romana.

No que respeita às cidades, a leitura de Portugal Romano meio século depois da sua publicação, conduziu-nos ao projecto da arquiteta peruana, de Lima, Karian Puente, que objectiva ilustrar cada uma das “Cidades Invisíveis” do romance de Italo Calvino, de 1972.

O projecto acontece porque, afirma ela, as cidades lhe interessam, “todas elas, minúsculas, enormes, históricas, criativas, problemáticas ou cosmopolitas, cada uma tem algo digno de admirar. Uma das coisas que me interessa profundamente é a poderosa troca de conhecimento que acontece nas cidades e o diverso intercâmbio sociocultural que testemunhamos. Quanto mais agitada é uma cidade, mais interessante para mim, há algo mágico em pessoas que vivem juntas.”

Portugal Romano, que a minha Geração conhece da 3.ª edição, (eu recebi o meu em S. Cucufate) marca uma viragem na Arqueologia Portuguesa.

As propostas que expõe, as questões que deixa em aberto, e as temáticas que propõe para investigação futura contaminam, de modo muito profundo, o percurso fértil e generoso que seguiram os futuros estudos sobre o período romano em Portugal e introduzem uma nova abordagem às cidades antigas.

Importa referir que no que concerne à abordagem sobre a cidade antiga o que até então circulava em Portugal eram textos raros e influenciados pela velha tradição do Francês Denis Fustel de Coulanges (1830-1889), autor da famosa obra “A Cidade Antiga”, datada de 1864.

Inovador no método, Fustel, um crítico severo das concepções de estado e da imagem muito centralista e piramidal do Império Romano que domina a mente das pessoas, construída no século XIX em torno da obra de Theodor Mommsen, expõe de forma clara e objetiva a vida, os costumes, a tradição e os ritos, porém, para ele a cidade é uma ideia organizada em torno das suas instituições, intimamente ligadas às práticas religiosas, na qual a dimensão espacial e territorial é absolutamente secundária.

Em Portugal Romano a cidade afasta-se desse paradigma, e também daquele outro que além das instituições aponta o esplendor dos monumentos e dimensiona a sua grandeza pela dos bravos conquistadores do mais magnífico império.

Espaço de negociação de quotidianos de pessoas, de origem e estatuto distinto, a cidade assume forma de corpo multiplifacetedo, de expressão da experiência de uma sociedade, seus valores e sua ideologia, desenhando-se como “um saco, um pulmão que respira”, dinâmico, pois que “a cidade tem praças de palavras abertas, a cidade tem ruas de palavras desertas” como no poema

de Ary dos Santos, onde “dessa poderosa troca de conhecimentos e do diverso intercâmbio socio cultural que nelas acontece”, se recolhe um desafio que converge nos princípios que nortearam o projecto de ilustração de Karian Puente.

Portugal Romano é, pois, uma obra de impactos. Impacto porque anuncia que todas as cidades interessam, que todas devem ser sujeitas ao questionamento das relações estéticas fundamentais relativas aos modos de sentir, percepcionar e habitar as estruturas espaço-temporais que condicionam a experiência humana, porque nenhuma delas, independentemente da sua dimensão e espessura, será alcançada se não se entender a relação com a natureza e o não-urbano.

Impacto porque a cidade romana sendo explicada, como é uso afirmar-se, como um instrumento de romanização dos territórios conquistados, um símbolo de romanidade -uma vez que a civilização romana - não pode ser concebida senão como urbana, acentua a ideia de que a *polis* romana provincial tem nuances, que não é um decalque de Roma, ou uma espécie de Roma em pequenino, criada segundo o modelo vitruviano de *firmitas, utilitas e uenustas*.

Impacto, ainda, porque sendo também apresentada como um conceito jurídico e religioso, cuja morfologia urbana e a arquitectura que lhe estão associadas são consequências destes conceitos, adverte, todavia, para a ideia de que há outras formas morfológicas além daquelas escritas por Vitrúvio; porque há pessoas nas cidades e há pessoas que já moravam em aglomerados que os romanos tomaram para fazer cidades.

Em resumo, Portugal Romano inova na condução dos estudos no sentido de não reduzir a cidade romana a uma simples questão de urbanismo ou de arquitectura, anotando que, previamente, importa avaliar o papel da cidade no império, caracterizar as elites que conformam a paisagem urbana na sua cidade, e que assim exprimem uma certa ideia da singularidade de cada cidade e do seu funcionamento, organizar os fluxos da relação de cada cidade com o império e o imperador e definir o seu lugar na hierarquia das redes de cidades provinciais.

Ilustração em contínuo

A ideia de cidade definida em Portugal Romano, associando uma comunidade a um território, viria a marcar a investigação que a partir da “escola de Coimbra” se foi desenvolvendo em Portugal e a uma continuada actualização do Portugal Romano, publicado em 1973.

As teses de doutoramento de Maria da Conceição Lopes, *A cidade Romana de Beja, Percursos e debates em Torno de Pax Iulia* (2000), João Pedro Bernardes, *Civitas collipponensis: povoamento e estratégias de ocupação do espaço* (2002) e Helena Paula Carvalho, *O povoamento romano na fachada ocidental do Conventus Bracarensis* (2008), são exemplos de desenvolvimentos epistemológicos que Portugal Romano promoveu.

Ao mesmo tempo, Jorge de Alarcão procura os dados que fundamentem a caracterização do espaço da Lusitânia e do Portugal Romano.

Pode dizer-se que, iniciando-se com “O domínio Romano em Portugal”, em 1988, onde Jorge Alarcão anota algumas alterações metodológicas à obra de 1973, a recente obra “A Lusitânia e a Galécia” (2018), onde a análise por temas foi substituída por uma análise cronológica, constitui a chegada de um percurso coerente de abordagem ao Ocidente da Hispânia em Período romano.

Tomando este tempo de meio século, ao longo do qual Conimbriga e S. Cucufate são ainda marcadores incontornáveis, mas onde se encontram já muitos investigadores e diversas investigações, é a reflexão sobre as cidades romanas de Portugal, particularmente do *conventus pacensis*, feita

num diálogo com as cidades do território do sudoeste peninsular, para que Portugal Romano nos arrastou, que nos reúne aqui, 50 anos depois.

O enriquecimento do conhecimento sobre esta tão particular forma de vida e do processo de integração das comunidades locais num mundo amplo e diverso, mas definido como um conjunto territorial inclusivo, encontra na cidade e na cidadania os mais delineados exemplos da implementação das experiências políticas e sociais romanas.

Saber como se produzem as formas urbanas, acompanhar o processo da construção do espaço urbano na longa duração, articular morfologia urbana e funcionamento social e, de um modo geral, analisar os fundamentos da fábrica urbana e desse modo contribuir para o projecto de continuar a ilustração da obra semente dos estudos do Portugal Romano, é a razão pela qual nos reunimos neste colóquio intitulado “Um mundo de cidades na fronteira ocidental do Mundo Romano”.

E é por isso, por questões de sementeira, que aqui estamos; porque nos interessamos profundamente pela poderosa troca de conhecimento que acontece nas cidades, para dar contributo à ilustração destas e à sua vinculação à memória e ao desejo, na sua dimensão mais ou menos delgada, onde as trocas que ocorrem são a nossos olhos ainda tanto invisíveis e porque, como o Sábio Kublai, sabemos que jamais se deve confundir uma cidade com o discurso que a descreve, embora possa haver ligação entre eles. Cortámos fronteiras e juntámo-nos para contribuir na ilustração das nossas cidades do mais sudoeste do mundo romano e, juntamente, com tantas outras ilustrações, contribuirmos para a escrita do poema de amor às cidades, porque não acreditamos em Ítalo Calvino quando disse que talvez tenha escrito o último poema à cidade.

--

O presente número da Revista DigitAR do Centro de Estudos em Arqueologia, Artes e Ciências do Património da Universidade de Coimbra reúne os contributos de vários investigadores para uma justa homenagem à obra Portugal Romano e ao seu autor, Jorge de Alarcão.

**Maria da Conceição Lopes
João Pedro Bernardes
Virgílio Lopes**